

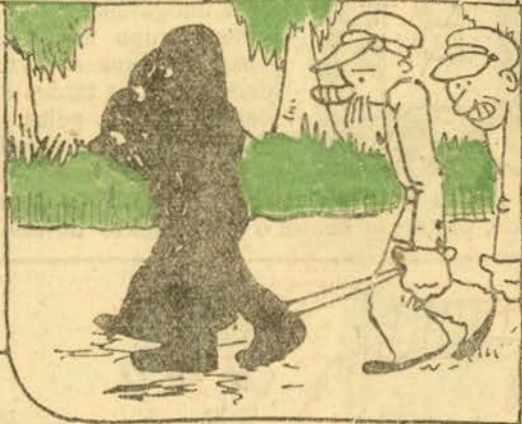


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SEculo

DE SANTA
RITA

PROVAS de:
Pim - Pam - Pum



(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)

Quando, por fim, conseguiram sair do charco, Pim, Pam e Pum pareciam uns verdadeiros moleques.

Nisto, por detrás deles, uma voz gritou :
— «Eh, seus pretalhões duma figa!... An-

(Continua na página 8)



NA GINKANA

Por MARIA ALDA

Desenhos de A. CASTANÉ



BEATRIZ, interessante menina de doze anos, foi passar as férias grandes em Loussa-de-Cima, para casa de umas amiguinhas.

Num grupo alegre de raparigas e rapazes da sua idade, passa as tardes em longos passeios pelos pinhais, ouvindo, encantada, os gorgeios das avezinhas,

que, àquela hora, procuram, nas ramagens do arvoredo, protecção contra o sol ardente do Estio.

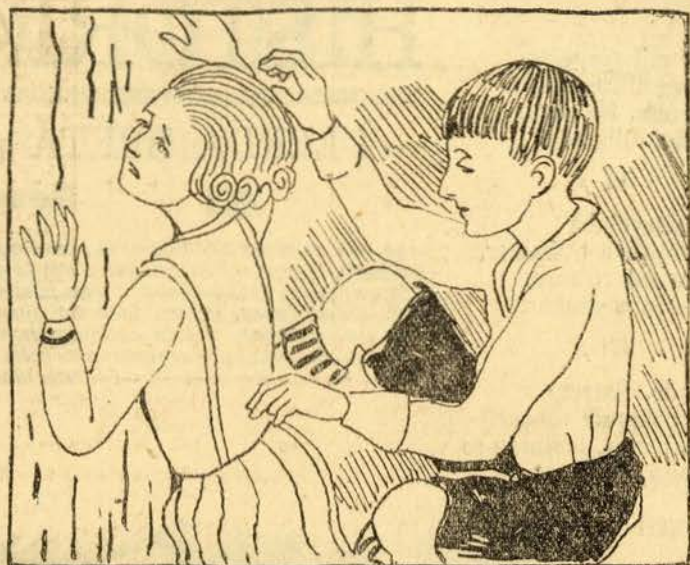
Alvaro, rapaz de 13 anos, também no gôso das férias, num pequeno grupo à parte, procura todos os pretextos para se aproximar de Beatriz. Dificilmente o consegue, porquanto ela não gosta dele: acha-o antipático e aborrecido.

Certo domingo organisa-se uma «Ginkana».

Beatriz, a mais endiabrada do grupo, consegue brilhar em todos os jogos, causando a admiração de todos, e de todos recebendo os maiores elogios. Alvaro é quem mais exteriorisa o seu contentamento pelos sucessos da pequena, aplaudindo-a entusiasticamente.

Entra-se no penúltimo número, — a corrida do





Os companheiros troçam-na, impiedosamente, excepto Alvaro que, carinhosamente, a ajuda a levantar-se.

Só, então, Beatriz aprecia e compreende como é grande e boa a alma de Alvaro, o qual passa a ser depois o seu companheiro preferido.

Ainda hoje — (e já são decorridos bastantes meses), — a mesma amizade se mantém entre os dois.

E' que as uniões que mais fundas raises criam são aquelas que tiveram por origem a abnegação e o desinteresse.

F I M



ovo — que, por ser das mais difíceis, é disputada com entusiasmo.

Consiste, como se sabe, em percorrer determinada distância, correndo, transportando, sobre uma colher de pau, um ovo. O que chegar primeiro, sem quebrar o ovo, é quem ganha.

Alvaro, que também toma parte neste jogo, está prestes a ganhá-lo quando se apercebe que é Beatriz quem se lhe segue e que, portanto, será ele quem impedirá que ela triunfe. Então, num movimento brusco e propositado, quebra o ovo. Mas tão desastrosamente o fez que se sujou, recaindo sobre si a troça de todos. Não se importou com isso, pois a satisfação que sentiu por ter proporcionado mais um triunfo a Beatriz, foi para ele tão grande compensação que nenhuma importância ligou ao percalço sofrido.

O último número do programa consistia numa «corrida de velocidade». Era Beatriz a mais avançada, mas escorrega e cai, sujando os vestidos e maguando-se bastante.

Desde, então, não mais cantara
Essa àvezinha gentil,
Muito embora os dias, lindos,
Fossem risonhos, de Abril!

Más um dia o coração
Do menino comovera,
E a liberdade ansiada
Ao canário concedera.

Vôa contente, liberto,
O canarinho doirado,
Soltando um trinado lindo,
De gratidão repassado!

Almira Gonçalves



O CANARINHO

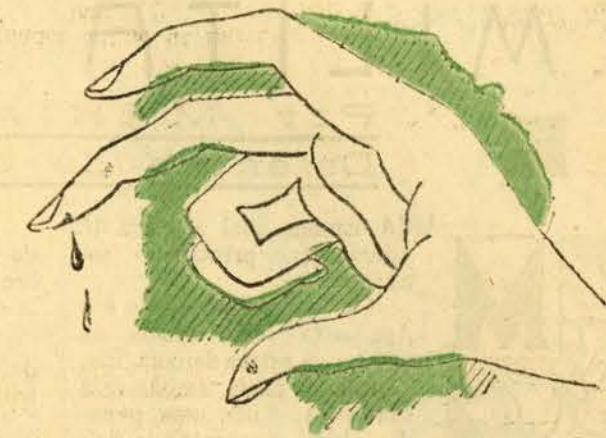
Havia um certo menino,
Na gaiola aprisionado
Um formoso passarinho
De seu ninho retirado

HISTORIA DO DEDAL

— (LENDA BRETÃ por MARIA JULIA DE LEMOS) —

Desenhos de Castañé

Aos nossos pequeninos leitores temos o prazer de fazer hoje uma nova revelação. A autora dos versos que publicamos com o titulo acima e que já em tempos colaborou no nosso suplemento com várias poestas, sob o pseudônimo de Ventoinha, é uma poetisa que se afirma, exuberante de graça espiritual, possuidora duma ingenuidade pura, ingenuidade de alma, que caracteriza os verdadeiros poetas. No amplo horizonte do Céu que a seduz, o Céu da Imaginação, onde a Bêzta impera, tenteia, apenas, os primeiros vãos que já deixam, todavia, prever uma ascensão brilhante. No próximo número publicaremos o seu retrato, como um modesto preito ao seu merecimento.



I
QUERIDAS leitorazinhas,
 a lenda que vou contar,
 é dedicada às meninas
 amigas de trabalhar.

V
 Entoando mil gorgeios,
 cantou magnificamente!
 Nada, porém, fez parar
 a mãozinha diligente,

VI
 da bôa costureinha
 sempre pronta a trabalhar,
 para, com sua costura,
 o seu pãozinho ganhar.

VII
 Desesp'rado, Satanaz
 por não conseguir vencer
 tanta constância, lembrou-se
 doutra coisa, então, fazer.

VIII
 De noite, enquanto dormiam
 as costureiras em paz,
 afiou-lhes as agulhas,
 não pelo bico, por trás.

IX
 E elas, quando amanheceu,
 ao pegarem nos bordados,
 mal tocaram nas agulhas,
 viram os dedos picados.

X
 —«Não se pode, assim, coser!»
 —(bradam elas com furor)—
 —«Vamos já para a janela,
 ou, então, pró toucador!»

II
 Há muitos e muitos anos,
 vivia, longe daqui,
 uma linda costureira
 que se chamava Lili.

III
 Levava dias e dias,
 sempre sentada a coser,
 e sem cansar trabalhava
 até não ter que fazer.



XII
 E porque, a-pesar-de já
 os seus dedinhos ter f'rido,
 queria entregar o trabalho,
 visto já ter prometido.

XIII
 Achava-se ela pensando
 se alcançaria o seu fim,
 quando ouve uma voz, na rua,
 humilde, rogar assim:

XIV
 —«Menina, dai-me esmolinha,
 tenho fome e tenho sede!
 Sou tão pobre e aleijadinho!
 Olhai que não minto! Vede!»

XV
 Logo a bôa Lilizinha,
 comovida pela mágoa
 do pobre do pòbrezinho,
 deu-lhe pão e um copo d'água.



XVI
 Ele que era... — (sabem
 quem?)
 Nosso Senhor disfarçado,
 deu-lhe, em troca uma con-
 chinha
 em tom de rosa e dourado.

XVII
 E disse-lhe:—Guarda bem
 esta concha que te dou,
 pois que no Santo Sepúlcro
 ela, há já muito, tocou.

XVIII
 Isto dito, foi-se embora...
 e Lili, nisto a pensar,
 arrumou a concha e pôs-se
 perto dela a costurar.



XIX
 Mas ai! os dedinhos f'ridos,
 picados, sangue choravam;
 e o bordado, a pouco e pouco,
 de côr de rosa manchavam.

XX
 Lili não podia mais
 continuar a coser.
 —«Quem seria—(murmurava)—
 que a fazia, assim, sofrer?»

XXI
 E rezava, de joelhos,
 Nosso Senhor invocando,
 quando, com mais atenção,
 a Imágem d'Ele fixando,

XXII
 viu na expressão, no seu gesto,
 qualquer significação;
 parecia estar-lhe apontando
 — (mas não seria ilusão?)—

XXIII
 a conchinha abençoada,
 que o pobre lhe tinha dado
 — «E se poupasse com ela
 o dedo tão maguado?!...»

XXIV
 Devia ser bôa idéa;
 e isto dito, colocava
 a concha no dedo, ao qual
 a agulha mais se apoiava.

XXV
 E pronto! Já conseguia
 coser sempre sem doer.
 Que bom já não se picar,
 que bom que ia agora ser

XXVI
 Maravilhada, agradece
 o milagre do Senhor,
 que, por ser tão virtuosa,
 lhe dispensou tal favor.



XXVII
 Já se sabe, Satanaz
 mal soube o que sucedeu
 foi-se embora, desesp'rado;
 mais novas de si não deu.

XXVIII
 E por Lili divulgado
 foi o condão divinal
 dessa couchinha doirada,
 que hoje se chama dedal.

■ FIM ■

EMILITA SONHA

Por **MARIA ALDA**
Desenhos de **CASTANE**



MARIA Emilia, mal acabava de adormecer, principiou sonhando:

Os pais tinham saído e a Ana — (a velha criada da casa) — já estava deitada. Ela, sentada na cama, embalava a sua linda «Lili», uma boneca, último presente de seu pai. Nisto, sente abrir-se a

porta do quarto e vê entrar um velho andrajoso, de grandes barbas brancas, saco a tiracolo, muito parecido com o «Velho Natal», que a olha receioso mas com tal ternura que o susto que dela se apossara, ao vê-lo entrar, quasi desaparece. O velho, depois de curta hesitação, vai para se retirar mas ela, resoluta, chama-o e pergunta-lhe: — «Quem é o senhor? — O que quer?»

O velho, hesitante, aproximou-se e respondeu: — «Ando à procura de pão para a minha nêtinha que deixei em casa, cheia de fome. Olhe, menina: eu tinha roubado isto, (e depõe sobre a cama uma pulseira) mas estou arrependido... perdô-me...»

Como a menina é parecida com a minha nêtinha! Os mesmos olhos muito azuis e muito meigos; os mesmos cabelos muito encaracolados e loiros; a mesma vozinha meiga e enternecida...»

Maria Emilia julga estar vendo, pela descrição do velhinho, uma garota que, nessa mesma tarde, lhe tinha pedido esmola, e que ela, num momento de má disposição, havia repellido.

Nesta altura acorda e, lembrando-se do sonho de que acabava de despertar, sente uma grande tristeza a que os remorsos não são estranhos!

E' que ela pensava que não devia ter repellido a pequenina que lhe pedia esmola.

O seu sonho podia ser uma realidade, e, então, seria ela que indirectamente levara o velho a roubar.

Não poude mais conciliar o sono.

O seu desejo era que amanhecesse, pois queria, a todo o custo, reparar a sua falta.

Levantou-se muito cedo e foi para a janela, tendo antes, com auctorição da mãezinha, preparado um embrulho com um vestido e uns sapatos seus, pão e bôlos.

Já quasi tinha perdido as esperanças de tornar a ver a pôbrezinha, quando esta lhe surge na esquina da rua. Apressou-se então a chamá-la e entregou-lhe o embrulho, recomendando-lhe que a procurasse todos os domingos.

E assim passou a ser protegida da Maria Emilia, a nêtinha do sonho.



F I M

CORRESPONDENCIA

Margarida do Monte — O snr. Santa-Rita agradece, muito reconhecido, a lisonjeira carta que lhe enviou e encarrega-me de lhe mandar dizer que pode mandar os contos a que se refere. Relativamente á poesia sairá a seu tempo.

Maria Alda — Recebi retrato. Sairá no próximo número.

José dos Santos — Acabo de receber a tua produção. Vai ser sujeita à apreciação do nosso director. Depois te direi se poderá se publicada.

Wanda — Muito grato pela sua amabilíssima carta, encarrega-me o snr. Santa-Rita de lhe participar que o seu conto será publicado brevemente.

Candida Reis — Pode enviar a sua historiiazinha. Se estiver em condições, será publicada.

Joaquim Martins Gaspar — Recebi o teu desenho, que está muito bem feitinho e que será publicado brevemente.

Vosso amiguinho TIO-PAULO

HORA DE A DIVINHA RECREIO

ADIVINHA

Lova vida regalada,
Dentro d'água, a saltitar,
O meu corpinho de prata,
Tão fácil de manejar.

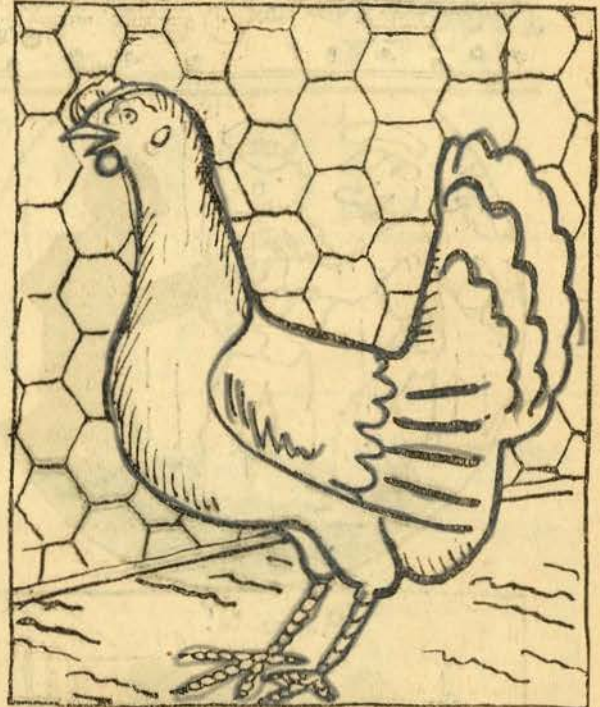
Mas os homens deshumanos,
Invejando o meu folgar,
Colocam dentro de latas
Quem só gostava do mar.

E mandam para o estrangeiro.
Oh! maravilha ideal!
Fechada numa latinha
Delícia de Portugal.

CHARADA NOVISSIMA

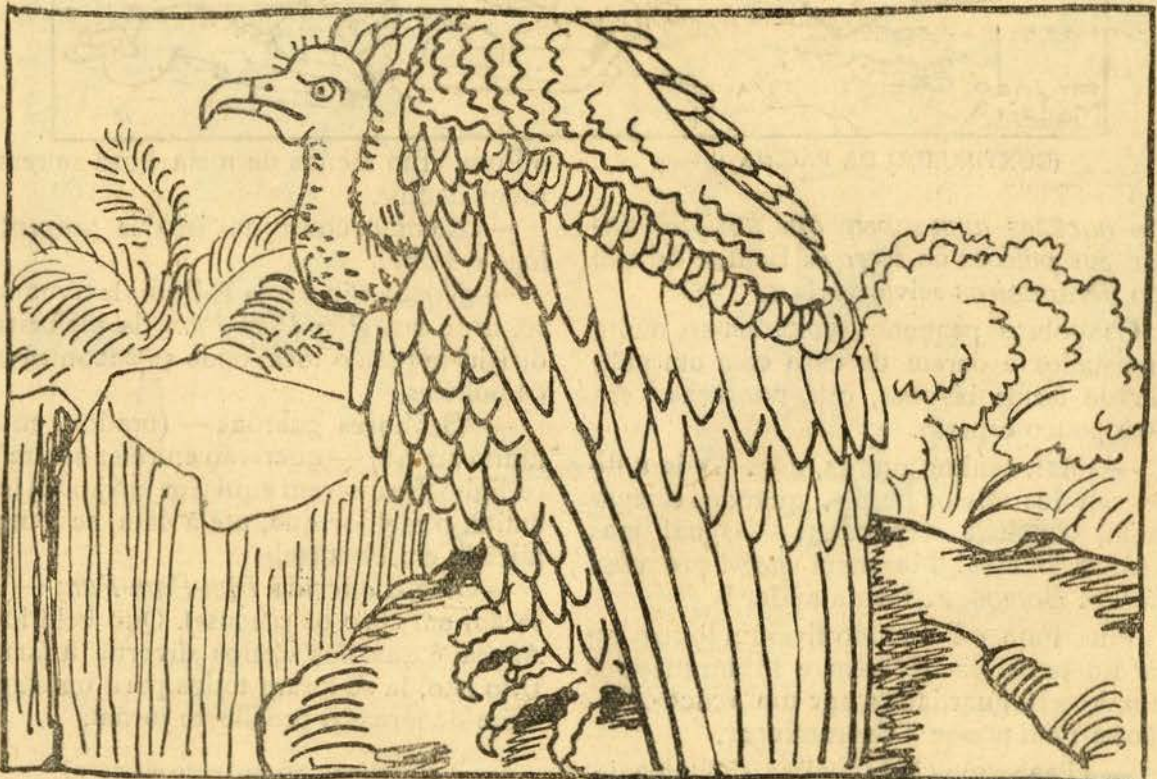
O rosto e a madraça dão um peixe saboroso. 2-1.

MIRA GONÇALVES

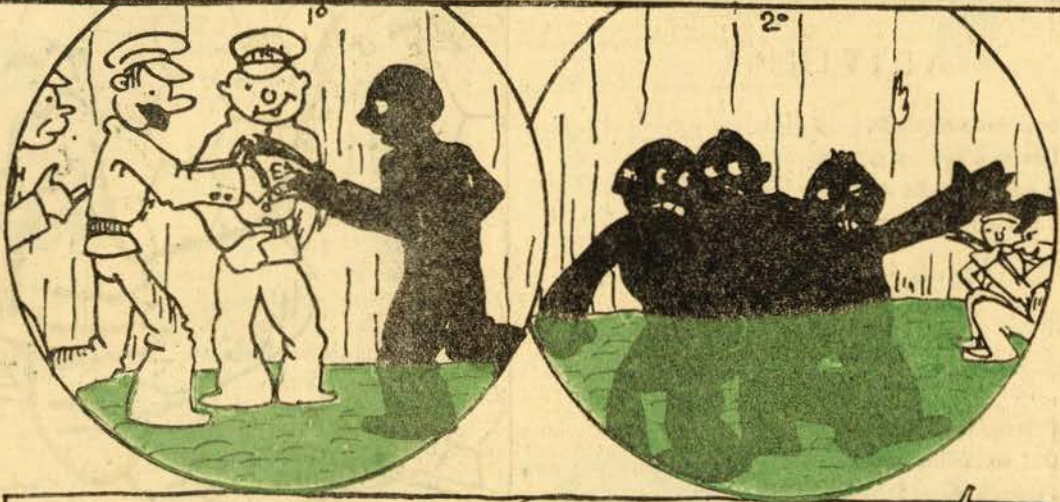


Meus meninos:
Vejam se descobrem onde se encontra o
dono desta galinha.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Proezas de Pim, Pam, e Pum por Arindo Madeira



(CONTINUADO DA PÁGINA 1)

tão bocêzes num sabem qué poribido andar em pêlo cá na terra?! Bem se bê que são berdadeiros selvâgens!»

Os pobres pequenos voltaram-se, muito assustados e deram de cara com um polícia de fartos bigodes, que, por acaso, era bem pouco esperto.

— «Mas, senhor guarda, nós. . .» ia a dizer um dos nossos heróis, quando, carrancudo, o polícia respondeu: — «Qual mas nem meio mas! Marchem *masé* pró *chêlindrô*. Bamos... toca a andar!»

Pim, Pam e Pum não tiveram outro remédio senão obedecerem e foram metidos numa cela guardados por um «cuco». Então, a Pam pôs-se a choramingar.

— «Tenho uma idéa!» disse, subitamente,

o Pum. «Em menos de meia hora sairemos todos daqui».

— «E como consegues isso?!» perguntou logo o Pim.

— «Vocês vão ver!» E Pum, levantando-se, tirou um *Pim-Pam-Pum* da algibeira e dirigiu-se para o local onde se encontravam os polícias.

— «Senhores guardas — (bradou, então, muito ancho) — quererão entreter-se um bocadinho? Se querem aqui têm um jornal todo catita; o melhor que, até à data, se tem publicado em Portugal».

— Olha o querido *Pim-Pam-Pum* — (disseram em côro os «cucos»). Que bela idéa! Agora é que nos vamos divertir à farta!» Dito isto, lá se foram todos para um canto, a-fim-de lerem o predilecto jornal.

(Continua no próximo número)